

# O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”: A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO<sup>1</sup>

Bruna de Almeida Freitas<sup>2</sup>

Camilla da Silva Mendes<sup>3</sup>

Natália Reis Medeiros<sup>4</sup>

Thiago Soares de Oliveira<sup>5</sup>

## RESUMO

As diversas diferenças observadas entre o Português manejado no Brasil e o Português utilizado em Portugal levam a discussões sobre a emergência do Português Brasileiro, abundante em peculiaridades que, inúmeras vezes, afastam-no do idioma praticado pelos lusitanos. À guisa de comparação, pode ser citado o tupi como dialeto indígena de forte influência no idioma nacional, ao passo que, no idioma lusitano, o castelhano foi de grande preponderância no campo lexical. Desse modo, este artigo teórico tem o objetivo de verificar no nível do léxico, por meio do método comparativo, quais foram as possíveis influências idiomáticas e dialetais que levaram à diferenciação entre o Português Brasileiro e o de Portugal, fazendo com que este mais pareça uma língua estrangeira do que a língua dos colonizadores que inicialmente foi disseminada no país. Partindo de uma pesquisa de cunho primordialmente bibliográfico, em razão da fonte de dados adotada, com especial análise de obras de autores que tratam sobre o tema da influência linguística no campo do vocabulário, bem como de artigos publicados sobre o tema, pretende-se buscar na História da Língua Portuguesa a base teórica para a investigação dos elementos linguísticos que influem de modo a distinguir um e outro idiomas, refletindo, ao longo do trabalho, sobre a distância entre esses dois “portugueses”.

**Palavras-chave:** História da Língua Portuguesa; Léxico; Influências linguísticas.

1 Este trabalho teórico é resultado de pesquisas realizadas no Projeto de Pesquisa intitulado “O Português Histórico e a sua aplicabilidade na explicação de fenômenos fonéticos da Língua Portuguesa”, na linha de História da Língua Portuguesa, do Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens (NECEL), do Instituto Federal Fluminense.

2 Graduada em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante do projeto de pesquisa. bdealmeidaf@gmail.com.

3 Graduada em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante do projeto de pesquisa. camillamendes12@hotmail.com.

4 Graduada em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Integrante do projeto de pesquisa. nathalia.reism@gmail.com.

5 Doutorando e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor da Licenciatura em Letras do Instituto Federal Fluminense e Coordenador do projeto de pesquisa. so.thiago@hotmail.com.

## THE DISTANCE BETWEEN THE BRAZILIAN PORTUGUESE AND THE “PORTUGUESE PORTUGUESE”: THE PERSPECTIVE OF INFLUENCES ON LANGUAGE GLOSSARY LEVEL

### ABSTRACT

The various differences between the Portuguese managed in Brazil and the Portuguese used in Portugal lead to discussions about the emergence of Brazilian Portuguese, abundant peculiarities that, many times, depart from the language practiced by the Portuguese. By way of comparison, it can be cited as the Tupi Indian dialect strong influence in the national language, while in the Lusitanian language, Castilian was great preponderance in the lexical field. Thus, this theoretical article aims to verify in the lexical level, through the comparative method, which were possible idiomatic and dialectal influences that led to differentiation between Brazilian Portuguese and Portugal, making this more look like a foreign language than the language of the colonizers that was initially disseminated in the country. From a primarily bibliographic nature of research, because the data source adopted, with special analysis of works of authors who deal on the subject of linguistic influence on the vocabulary of the field, as well as articles published on the subject, we intend to seek in the history of Portuguese the theoretical basis for the investigation of linguistic elements that influence to distinguish one and another languages, reflecting, throughout the work, about the distance between these two “Portugueses”.

**Keywords:** History of the Portuguese language; Lexicon; Influences language.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa abordar a natureza do distanciamento entre o português lusitano e o português brasileiro, levando-se em consideração as abordagens de teóricos como Cunha e Cintra (2008), Leite de Vasconcelos (1926), Williams (1986), dentre outros que explicam a origem de ambos os portugueses, permitindo o desenvolvimento de um estudo histórico a fim de entender tal distância entre duas línguas aparentadas.

Partindo disso, delimita-se aqui a comparação no campo lexical com o objetivo de explicar como um cenário de múltiplas culturas influenciou diretamente as duas faces do português até que se tornassem, de certa forma, diferentes. Como influenciadores são abordados o dialeto tupi, que já se encontrava nas terras brasileiras à época da colonização, e a língua castelhana, que influencia o português europeu por questões geográficas.

O recurso metodológico utilizado neste trabalho é de cunho bibliográfico, dada a necessidade de recorrer a fontes especializadas no assunto, como Rodríguez (1996), Bíziková (2009), Basseto (2010), Coutinho (1974) e outros que possuem trabalhos voltados para tal área, permitindo, assim, a exploração do tema de forma mais concreta. Considerando a própria fonte de dados que supre as demandas da pesquisa proposta, este trabalho não se limita à pesquisa em obras impressas, fazendo bom proveito dos inúmeros estudos publicados em periódicos científicos especializados e disponíveis no meio digital.

Por fim, este artigo pretende explorar tal assunto sem a intenção de esgotá-lo, visto que há inúmeras pesquisas nesta área voltadas para o campo da fonética, mas poucas para o campo

O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

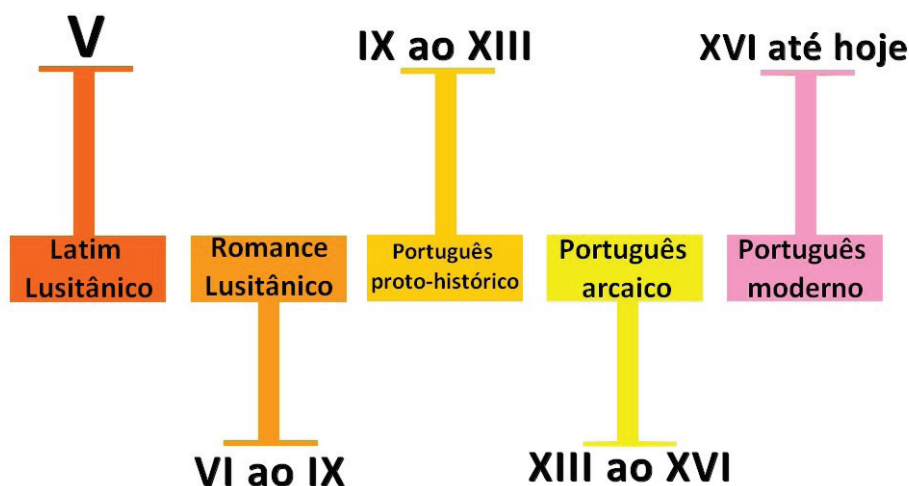
lexical, que também merece atenção, pois contribui sobremaneira para o distanciamento entre os “portugueses”, conforme se pretende demonstrar.

## 2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

### 2.1 O processo evolutivo da língua portuguesa

A língua portuguesa sofreu inúmeras alterações até tomar o contorno que se conhece hoje. Nunes (1969) compara as transformações linguísticas do português às transformações sofridas por qualquer ser vivo que, antes de atingir a forma que o distingue dos outros, passa por diversas fases, que podem ser organizadas conforme a Fig. 1:

Figura 1: Divisão do período evolutivo da língua portuguesa



A Figura 1 baseia-se na proposta de Leite de Vasconcelos (1926), que divide a história da língua portuguesa em períodos evolutivos. Embora o autor não apresente distinções significativas entre as fases, existem características suficientes para tal divisão. O latim e o romance lusitânicos, diferentemente das demais fases, não possuem registros em documentos escritos (CUNHA e CINTRA, 2008). Na fase proto-histórica, como aponta Coutinho (1974), surgiram textos redigidos em latim bárbaro<sup>6</sup> com algumas palavras em português, o que prova a existência do dialeto galécio-português<sup>7</sup> já naquela época. A língua passou por grandes mudanças, entretanto somente no século XIII é que surgiram documentos propriamente redigidos em galego-português (CUNHA e CINTRA, 2008), marcando assim o começo histórico do português arcaico.

Sabe-se que a língua portuguesa chegou ao território brasileiro entre os séculos XV e XVI, período de descobrimento e colonização lusitana no país. Com base na Fig. 1, é possível observar que o português com o qual as tribos indígenas brasileiras tiveram o primeiro contato

6 Segundo Cunha e Cintra (2008), latim bárbaro é a língua dos documentos judiciais em que, no texto latino, são inseridas palavras do romance regional.

7 Trata-se do galego-português, denominado "galécio-português" por Nunes (1969).

encontrava-se em processo de transição entre as fases arcaica<sup>8</sup> e moderna. No entanto, no território brasileiro, várias línguas eram faladas pelas tribos indígenas (entre elas o auaque, karib e o tupi) que tiveram um contato multilíngue com os europeus. Esse contato intensificou-se, mais tarde, com a chegada dos jesuítas, ainda na fase arcaica (CARVALHO, 2008).

No período arcaico, mais precisamente no final da primeira metade do século XVI, a língua começa a ser codificada gramaticalmente (CUNHA e CINTRA, 2008). Nesse momento histórico, surgiu a primeira gramática, chamada *Grammática da Lingoagem Portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira. A transição do português arcaico para o moderno foi marcada por muitas modificações, sendo a principal delas a intensificação do acento dinâmico, que ocorreu na modalidade vulgar do latim, ou seja, na variedade que deu origem à língua portuguesa. Ao fim do mesmo século, quase todas as características do português arcaico haviam desaparecido, chegando o português em sua fase moderna, como é conhecido hoje em dia (WILLIAMS, 1986). As diferenças entre uma fase e outra são observadas no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe (COUTINHO, 1974), como se pode constatar por meio da análise do Quadro 1, que segue:

Quadro 1: Diferenças entre o português arcaico e o moderno.

<b>No vocabulário</b>	Muitas palavras mudaram de forma e outras vieram a desaparecer (arcaísmos).
<b>Na fonética</b>	No português arcaico, a diferença entre o /s/ e o /ç/, entre o /s/ intervocálico e o /z/ e entre o /ch/ e /x/ eram perceptíveis.
<b>Na morfologia</b>	Os nomes terminados em "nte" e "ês" eram uniformes e algumas palavras mudaram de gênero.
<b>Na sintaxe</b>	A colocação das palavras no português arcaico era mais livre, predominando a ordem inversa.

Observando-se as diferenças apontadas no Quadro 1, percebe-se que a língua portuguesa, assim como qualquer idioma vivo, está sempre em evolução. Contudo, se se considerar a fase quando o português chegou ao Brasil (arcaica), pode-se entender que, a partir daí, essa língua que aqui chegou durante o século XVI não evoluiu em paridade com o português falado em Portugal, tomando outro rumo no que diz respeito à evolução linguística devido às distintas influências que os dois "portugueses" receberam de outros idiomas e dialetos. Tal distanciamento é facilmente observado, como aborda Marcuschi (2003):

O português europeu tanto distanciou-se do português brasileiro, em especial no caso da oralidade, que já estão sendo necessárias legendas em filmes portugueses no Brasil e vice-versa. As próprias novelas ou programas de TV, em especial os humorísticos, não são mais mutuamente inteligíveis para o público comum. Seja por questões do léxico, prosódia ou formas culturais linguisticamente realizadas (MARCUSCHI, 2003, p. 21).

<sup>8</sup> Nunes (1969) aponta que a fase arcaica se estende do século XII até a primeira metade do século XVI, partindo para o português moderno na segunda metade deste mesmo século, fase que se mantém até os dias atuais.

O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

A assertiva do autor pode ser entendida por meio dos processos de influência linguística sofridos tanto pelo idioma lusitano quanto pelo brasileiro, o qual, há bastante tempo, distancia-se da língua praticada pelos colonizadores. Ocorre que, enquanto o português brasileiro recebeu influências de dialetos<sup>9</sup> indígenas, o português europeu foi influenciado pelo castelhano, o que decerto colaborou para a distância fonética entre a língua manejada no Brasil e a praticada em Portugal. Embora o distanciamento no campo da oralidade seja, à primeira vista, a principal diferença entre um e outro (MARCUSCHI, 2003), é importante atentar para as diferenças no campo lexical, foco principal desse trabalho.

## 2.2 As línguas e dialetos influenciadores do Português de Portugal e do Português Brasileiro

Antes do breve apanhado histórico acerca do idioma castelhano e do dialeto tupi, doravante entendidos como influenciadores na distinção entre o português europeu e o português brasileiro, é de suma importância diferenciar a dicotomia espanhol/castelhano:

O espanhol originou-se no centro da península, no reino de Castela, daí sua denominação de castelhano, mais tarde concorrendo com a de espanhol, devido a ter-se tornado a língua oficial de Espanha, sobrepondo-se a outras línguas do território espanhol (RODRÍGUEZ, 1996. p. 1).

Segundo Rodríguez (1996), o castelhano foi a denominação primitiva da língua espanhola, devido ao seu local de surgimento. Mais tarde, tornando-se língua oficial de toda a Espanha, recebeu a denominação de idioma espanhol. No entendimento de Rodríguez (1996), também adotado neste trabalho, ambas as maneiras de referir-se à língua estão corretas, sendo então consideradas termos sinônimos.

No século XIV, Portugal de um lado e Espanha por outro lançaram-se à exploração e conquista de novas terras (RODRÍGUEZ, 1996). Em 1500, os navegadores lusitanos trouxeram o português em sua fase arcaica para o Brasil. Nessa época, já se encontravam mais de mil línguas indígenas de muitas famílias linguísticas por todo o território brasileiro, e o contato de cada uma dessas famílias com o português variava. Foi a partir da necessidade de comunicação entre colonos e cativos, que os portugueses se viram obrigados a aprender a língua nativa dos índios. O grupo indígena mais aberto à comunicação com os portugueses falava a língua tupinambá, logo seria esta que viria a servir de base para a criação de uma língua geral, criada em prol da melhor comunicação entre colonos e índios (BÍZIKOVÁ, 2009).

Os jesuítas foram os que mais estudaram essa denominada língua geral, devido à preocupação que tinham em evangelizar os nativos. O Padre José de Anchieta, por exemplo, relatou essa língua em seu livro cujo título é *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, em 1595. A rigor, a língua geral foi o primeiro fator a influenciar o português trazido para o Brasil por meio dos navegadores. No século XVIII, o português já havia se desenvolvido a ponto de se tornar língua predominante e, conseqüentemente, o idioma oficial do país. Porém, é importante ressaltar que o português aqui falado se desenvolvera de maneira diferente em comparação com o português europeu.

9 A distinção entre língua e dialeto nasceu na Grécia. Como afirma Tavares (2015, p. 124), "a língua chamada 'grego' era um conjunto de normas distintas, mas aparentadas, conhecidas como 'dialetos'". Logo, é possível concluir que a língua é uma unidade que comporta dentro de si variantes dialetais.

### 2.3 Influências dos estrangeirismos nas duas variantes do português

De acordo com Bíziková (2009), o processo de evolução da língua, que traz consigo mudanças, é natural. Geograficamente, com o afastamento de dois grupos linguísticos, como o da antiga colônia e o do império (Brasil e Portugal, respectivamente), podem ocorrer influências lexicais distintas, a exemplo dos estrangeirismos.

Durante muito tempo, a tradição filológico-gramatical considerava o estrangeirismo como um vício de linguagem e, também, noção de empobrecimento linguístico. Esse aspecto é abordado por Bechara (2009), que define estrangeirismo como:

O emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo de subserviência e da degradação do país (BECHARA, 2009, p. 599).

Ainda segundo Bechara (2009), os estrangeirismos léxicos se dividem em dois grupos:

Os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história [...]; mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira [...] ou se mascaram de vernáculos (BECHARA, 2009, p. 599).

Com efeito, muitos estrangeirismos foram aportuguesados mediante adaptações mórnicas, fonéticas e também ortográficas, como os do primeiro grupo, tornando-os parte do arranjo vocabular brasileiro. Em contrapartida, os estrangeirismos do segundo grupo são considerados “xenismos”, visto que se empregam na grafia original, sem qualquer tipo de alteração e sem implicar a mudança de seu significado. São palavras ou expressões usadas frequentemente e que podem ser entendidas facilmente. Vide os Quadros 2 e 3, abaixo:

Quadro 2: Exemplo de estrangeirismos do grupo considerado “xenismos”

Estrangeirismos: xenismos	
Best-Seller	Livros de grande sucesso em vendas.
Delivery	Entrega.
Design	Disciplina de criação.
Download	Cópia de informação armazenada em um computador.
Fast-Food	Restaurantes especializados em servir refeições com rapidez.

Quadro 3: Estrangeirismos do grupo considerado “aportuguesamento”

Estrangeirismos: aportuguesamento	
Foot – ball	Futebol
Goal	Gol
Golf	Golfe
Tennis	Tênis
Test	Teste

O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

Acima, no Quadro 3, pode ser destacado outro tipo de estrangeirismo, o qual sofreu o que se chama de aportuguesamento, ou seja, a adaptação ao português pela modificação da grafia e da pronúncia. Esse fenômeno é utilizado com o intuito de assentar as palavras no idioma português e facilitar a comunicação uns com os outros, o que demonstra que “a incorporação de palavras estrangeiras [...] não torna uma língua inferior ou superior linguisticamente a outra” (SANTANA, 2011, p. 1708). Aliás, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a visão acerca do uso do vocábulo estrangeiro foi modificada, transferindo-o para outro patamar, que o igualou ao empréstimo.

Os métodos de adaptação dos estrangeirismos no português europeu podem ser observados no recém-criado *Dicionário dos Estrangeirismos*. No português europeu, diferentemente de outras línguas como o inglês, os estrangeirismos têm sido adaptados tanto ao nível da ortografia quanto da pronúncia. Um exemplo disso é a palavra líder, do inglês “leader”, cuja adaptação foi feita na forma tal qual como a palavra é lida. Além disso, a violação das regras da ortografia e da relação entre grafia e pronúncia também são um ponto de seleção para considerar o signo um estrangeirismo ou não. Existem algumas particularidades que as palavras devem apresentar para que sejam consideradas estrangeirismos, como consoantes não pertencentes ao alfabeto básico do português (k, w, y)<sup>10</sup> e sequências consideradas graficamente não naturais em português (“hippie”, “meeting”, por exemplo) (JANSSEN e BARBOSA, 2008).

Ainda sobre tais particularidades, afirmam Janssen e Barbosa (2008) que se consideram estrangeirismos palavras que, na pronúncia, desviam-se das regras citadas acima, mas que na ortografia não. Basta observar o signo “rouge”, correspondendo à palavra “vermelho” no idioma francês. O vocábulo é pronunciado com [u] e não como [ow] como se é esperado, contudo pode ser considerado estrangeirismo por haver, de algum modo, uma adaptação.

De modo geral, nem todas as palavras estrangeiras foram introduzidas no Dicionário dos Estrangeirismos:

A selecção dos estrangeirismos dicionarizados não-adaptados de línguas vivas fornece um conjunto de palavras homogéneo: são palavras suficientemente incorporadas no léxico do português para estarem dicionarizadas, mas que, em simultâneo, são recentes (ou apresentam marcas estrangeiras fortes) para que se conserve a forma gráfica original (JANSSEN e BARBOSA, 2008, p. 465).

É possível observar a exclusão de algumas palavras, como é o caso de “habitat”, proveniente do latim, evidenciando que os estrangeirismos dependem, principalmente, da aceitação social, uma vez que ele é um dos meios pelos quais a língua se expande e se modifica, ganhando forma e contribuindo para o distanciamento entre o português lusitano e o brasileiro, visto que cada idioma se utiliza de elementos estrangeiros diferentes, devido à posição geográfica.

<sup>10</sup> O decreto 6583/08, que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, inclui as letras k, w e y no alfabeto, sugerindo o uso em casos especiais relativos a antropônimos e topônimos originados de outras línguas e seus respectivos derivados, bem como em siglas, símbolos e unidades de medidas de curos internacional.

### 3 AS COMPARAÇÕES NO CAMPO LEXICAL E A FORMAÇÃO DA DISTINÇÃO IDIOMÁTICA

#### 3.1 A questão da influência do Castelhana no Português Europeu

De acordo com Basseto (2010, p. 127), “léxico é o conjunto de todas as palavras que pertencem a um idioma, passíveis de serem empregadas em seus vários níveis linguísticos”. Segundo o mesmo autor, as mudanças que ocorrem no campo lexical de determinada língua acompanham as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais.

Um dos fatores que envolvem simultaneamente os vários aspectos mencionados por Basseto (2010) é o fato de o português e o castelhano se encontrarem em contato, tanto na América do Sul quanto na Península Ibérica, o que colabora para uma relação de empréstimos vocabulares, principalmente nas regiões fronteiriças e proximidades (RODRÍGUEZ, 1996). No que tange à relação entre o castelhano e o português praticado em Portugal, é possível observar, no Quadro 4, alguns empréstimos linguísticos que comprovam a relação de influência do idioma da antiga região de Castela sobre a língua lusitana:

Quadro 4: Empréstimos lexicais do castelhano para o português europeu

CASTELHANO	PORTUGUÊS EUROPEU	SIGNIFICADO
<b>Alce</b>	Alce	Folga; descanso; trégua.
<b>Anillo</b>	Anilho	Que enlaça o pescoço do animal.
<b>Antaño</b>	Antanho	Antigamente, outrora.
<b>Altanero</b>	Altaneiro	Que se eleva muito; que voa muito alto.
<b>Voleo</b>	Boléu	Tombo que se dá em um animal laçado.
<b>Bandolero</b>	Bandoleiro	Bandido.
<b>Cangrejo</b>	Caranguejo	Da família dos crustáceos.
<b>Celada</b>	Celada	Armadura antiga.
<b>Empacar</b>	Empacar	Empacotar.
<b>Llano</b>	Lhano	Sincero; franco.

Os empréstimos vocabulares restringem-se, em princípio, a determinadas regiões fronteiriças entre Portugal e Espanha, e são incorporados aos dicionários, tornando-se de uso geral (RODRÍGUEZ, 1996). No Quadro 4, a contribuição do léxico castelhano no português lusitano é perceptível quando se analisam as transformações lexicais na passagem de um idioma para o outro. É possível observar que muitas palavras permanecem sem nenhuma alteração morfológica; outras, por sua vez, sofrem metaplasmos, definidos por Coutinho (1974, p. 142) como “transformações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução”.

As palavras “alce”, “empacar” e “celada”, por exemplo, foram emprestadas do léxico espanhol com a mesma grafia; fazendo uma comparação com as mesmas palavras em português brasileiro, entretanto, é possível notar que as duas primeiras possuem significados diferentes, sendo “alce” um animal e “empacar” um sinônimo de parar, usado muitas vezes em zonas rurais. Dessa forma, ainda que a forma lexical se assemelhe na escrita dos dois “portugueses”, a distinção semântica é sensível.



O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

Além do mais, é preciso entender que determinadas palavras sofrem diferentes adaptações (gráficas e/ou fonéticas) ao migrarem de uma língua para outra. Na palavra *anillo* > *anilho*, a modificação do grupo de letras //l/ para /lh/ evidencia a manutenção de um processo de palatização<sup>11</sup>, já que a consoante alveolar “l”, quando dobrada no espanhol, equivale ao grupo palatal “lh”. De forma semelhante, no caso de *antaño* > *antanho* e *llano* > *lhano*, a transformação não se dá no nível da fonética, mas no da forma, já que, em espanhol. “ñ” e “ll” são foneticamente equivalentes respectivamente ao dígrafos “nh” e “lh” do português. Vale ressaltar aqui que Carvalho e Nascimento (1981) afirmam serem comuns as transformações de n (e, i) + vogal em “nh” e l (e, i) + vogal em “lh”.

Também há casos em que ocorrem acréscimos de fonemas no interior da palavra. Esse fenômeno é denominado epêntese<sup>12</sup> e pode ser observado nos seguintes exemplos do Quadro 4, em que as palavras sofreram tais adições na passagem do castelhano para o português: *altanero* > *altaneiro* e *bandolero* > *bandoleiro*. Nesses dois exemplos, nota-se a inserção de um “i” medial, expandindo a vogal da penúltima sílaba em um ditongo decrescente, o que demonstra com clareza a distinção fonética ocorrida no léxico de língua espanhola que foi incorporado ao português europeu. Nos casos citados, a hipótese de ditongação cabe. Mesmo sendo ambas línguas neolatinas, há nuances próprias de cada idioma. Aliás, como reforça Coutinho (1974, p. 43), “não basta só o vocabulário [...] para caracterizar a filiação de uma língua”.

No caso da transformação na palavra *voleo* > *boléu*, percebe-se a presença do metaplasmo bilabiação, que Othero (2003) define como a troca do fonema /v/, labiodental para o fonema /b/, bilabial, além de um processo de oclusão, que desfaz o hiato da forma castelhana. Entretanto, Debowskiak (2008), em sua abordagem sobre os dialetos portugueses, afirma que o fenômeno da bilabiação<sup>13</sup> ocorre nas regiões dos dialetos galegos e setentrionais, não ocorrendo, portanto, nos dialetos centro-meridionais<sup>14</sup>. Isso significa que as influências linguísticas não se dão de forma uniforme, sendo a proximidade um elemento de grande importância na análise das interações, inclusive lexicais.

Quanto à palavra “*caranguejo*”, oriunda do castelhano “*cangrejo*”, sofreu duas transformações na sua passagem para o português. É possível observar a ocorrência de hipéptese do fonema /r/, que consiste no deslocamento de som de uma sílaba para outra (COUTINHO, 1974), e um caso de epêntese, em que houve um acréscimo do fonema /a/. O grupo “gu” que ocorre na palavra portuguesa se justifica pela manutenção do fonema /g/ diante da letra “e”, marcando um fenômeno de acomodação gráfica, e não de metaplasmo propriamente dito.

É importante lembrar que são incontáveis os casos de empréstimos lexicais idênticos ou adaptados do castelhano para o português europeu. Esta pesquisa, no entanto, aborda exemplos selecionados a fim de mostrar a influência do castelhano sobre idioma lusitano de tal forma que este se diferencie cada vez mais do português manejado no Brasil. Neste tópico, a explicação dos metaplasmos ocorridos funciona como auxiliar para a compreensão de que a ação lexical muitas vezes é acompanhada de alterações fonéticas.

11 Metaplasmo que consiste na “transformação de um ou mais fonemas em uma palatal” (CARVALHO e NASCIMENTO, 1981, p. 40).

12 Trata-se de um metaplasmo por aumento, segundo Coutinho (1974).

13 Debowskiak (2008) aborda bilabiação como betacismo em sua pesquisa.

14 Cintra (1971) divide os dialetos portugueses em bloco dialetais: galego, setentrionais e centro-meridionais.

### 3.2 Influências do tupi no português brasileiro

O tupi foi uma língua sistematizada pelos padres da Companhia de Jesus durante a colonização brasileira, fazendo parte da construção linguística brasileira. É uma língua que possui grande valor cultural e semântico e que muito influenciou o Brasil, uma vez que é possível encontrar vocábulos oriundos dessa língua até hoje, apesar da diferença entre períodos (1500-2016). Deve ainda ser mencionado que o tupi influenciou não só a gramática, mas também a literatura brasileira. Como referência de autores de renome, citam-se José de Alencar, Gonçalves Dias e Mário de Andrade.

Nesse ponto, importa fazer uma ressalva para José de Alencar, que utiliza nomes em tupi, ressaltando a importância do seu uso lexical em suas obras de arte, inclusive um de seus títulos mais conhecidos e analisados por alunos, professores e estudiosos, intitulado *Iracema*, além de outras obras como, *Guarani* e *Ubirajara* (MARTINS, 2014).

Os índios, salvo raríssimas exceções, não deixaram em nenhum momento de falar sua língua nativa. Garcia (2002), nesse sentido, afirma que a língua geral já era usada pelos índios antes de os colonos aqui chegarem. Essa língua servia como forma de comunicação entre as várias tribos existentes. Se em um dado momento a língua dos portugueses se sobrepôs à deles (índios), isso se deveu ao fato de estes terem sido praticamente dizimados.

A língua tupi/tupi-guarani possuía muitas variantes ao longo da costa litoral brasileira. Sendo esta usada como base para a formação da língua geral, percebe-se que esta também teve suas variantes sendo as mais conhecidas a língua do Norte (língua geral amazônica) e a língua do Sul (língua geral paulista), denominadas pelos nomes indígenas *nheegatu*, que significa “língua boa”, e *abanheega*, que significa “língua da gente”. Uma informação interessante a respeito desse assunto é que o grupo guarani, que vivia no sul do Brasil, onde hoje se encontra São Paulo, não desapareceu como veio a ocorrer com os povos da língua tupinambá. Atualmente, é possível encontrar grupos e subclasses que falam essa língua.

É de conhecimento geral que a língua dos portugueses conseguiu se sobrepor à dos índios, mas um legado indígena foi deixado no léxico. Não obstante isso, os linguistas nem sempre conseguem identificar a origem das palavras (BÍZIKOVÁ, 2009). O que se sabe é que, em muitos casos, o radical do tupi foi usado como base nos processos de derivação e composição. Houve também os tipos híbridos, em que se formavam palavras por meio da sufixação, o que comprova o contato constante entre línguas.

É preciso ressaltar também que várias das denominações que resultaram desses processos de formação de palavras designam coisas da selva pelo simples motivo de a concentração dos colonizadores ter se mantido ali, facilitando a criação de substantivos com o radical tupi. Um exemplo disso é o radical *caa* (mato, planta, folha), que deu origem às palavras *caatinga* (mata clara), *caeté* (mata verdadeira), *capão* (bosque denso) e *capoeira* (mata secundária) (BÍZIKOVÁ, 2009).

Com o passar do tempo, a nobreza portuguesa instalada no Brasil passou a utilizar vocábulos que eram da língua geral, o que comprova que tais palavras passaram a ter o mesmo valor que as dos lusitanos; muitas delas, porém, precisaram sofrer alterações para que se tornassem compreensíveis e, conseqüentemente, acabaram perdendo sua forma original. Ainda acerca dos nomes de origem tupi, sabe-se que acabaram sendo transpassados para o Brasil

O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

diversos nomes dos rios. O radical mais comum é "hy", que significa “água”, junto com -xy, -ri, e -gy, como ocorreu em Piauí, derivado de uma espécie de peixe; Ituxy, que seria um “rio com queda d'água”; Cayari e Serigy, que seriam, respectivamente, “rio do vale” e “rio do caranguejo”. O mesmo ocorre com o radical "waya", significando “vale”, radical este que pode ser encontrado em “Paraguaí”.

No processo de formação das palavras, a água e as cores também foram muito importantes: em Carinhonha, “correndo rapidamente”, e em Ucaquiári, “rio branco”. Há também muitas palavras de origem tupi com o item lexical "ita", que significa “pedra” ou “rocha”; isso se deu devido ao fato de essas serem usadas para fazerem marcações dos caminhos. (BÍZIKOVÁ, 2009)

No interior paulista, também se observam cidades com prenomes tupis, como Lambari, Tupã, Atibaia, Botucatu, Piracicaba, Guararema, Barueri, Iaras, Itapetininga, Capivari, etc. Com isso, deve ser esclarecido que os índios tupinambás marcaram os territórios no Estado de São Paulo, logo deixaram como herança inúmeros vocábulos tupis nos nomes das cidades, bairros e vilas. E o mesmo acontece no Estado do Paraná, onde grande parte das cidades é nomeada pelo tupi, como: Arapongas, Maringá, Umuarama, Paranaguá e Curitiba. Além disso, no Brasil, há vários estados que têm os nomes derivados do tupi: Sergipe, Tocantins, Maranhão, Pará, Paraíba e Paraná.

Sem contar as cidades, vilas, rios e lugares em geral, como aqui foram apresentados, a influência do tupi também abrange nome de doces como é o caso da paçoca, da pamonha, do beiju e outros; as frutas como a jaca, a pitanga, o açaí, o caju e várias outras; plantas como cipó, ipê, jacarandá, peroba, tiririca, etc.; animais como ocorre com a araponga, a arara, o curió, etc.; fenômenos naturais como a piracema e a pororoca, além de doenças como a catapora. E ainda deve ser mencionado que o tupi não só deixou seu legado no vocabulário, como no meio cultural, podendo-se citar lendas como o saci, o curupira e a caipora. E é por meio de nomes tão comuns e corriqueiros que a língua tupi acaba sendo introduzida no vocabulário brasileiro sem ser notada, colaborando de forma evidente no léxico do português brasileiro atual. (HRÍBALOVÁ, 2009)

Seguindo essa linha de raciocínio, Ferreira Netto (1993) tece uma comparação para explicar a situação de empréstimos que há entre o tupi e o português brasileiro:

O fato é que retomando o acordo que fizeram os portugueses com os tupi, tomando-lhes alguns vocábulos de empréstimo e imitando-lhes outros, esse mesmo acordo foi realizado dentro da própria casa, com o filho imitando a mãe e o pai; tomando-lhe de empréstimo não apenas o vocabulário, mas toda a língua. (FERREIRA NETTO, 1993, p. 29).

Porém, ainda assim não se pode anular o fato de que essa relação ocorreu há mais de quinhentos anos e que a sua separação ocorreu há mais de duzentos e cinquenta anos, ou seja, é compreensível que muitas dessas palavras tenham sido alteradas e, conseqüentemente, perdido a identidade tupi. De qualquer forma, o tupi é um fator de identificação nacional e de grande importância no léxico brasileiro.

#### 4 CONCLUSÃO

Percebe-se que os aspectos que vieram a influenciar o português brasileiro não são os mesmos que influenciaram o português europeu, por conseguinte ambos se desenvolveram de

maneira e em culturas diferentes, fazendo com que diminua cada vez mais a clareza das nuances que evidenciam tal parentesco. Tantas foram as influências nesse idioma, que a filmografia necessita, segundo salienta Marcuschi (2003), de legenda para que seja bem entendida. Isso torna nítido o distanciamento entre duas faces de um mesmo idioma originário.

Tomando em pauta o tupi como um dos influenciadores do português brasileiro, esse dialeto, que já se encontrava no território nacional quando os lusitanos rumaram à expansão marítima, faz-se presente até hoje em muitos vocábulos, sendo a maior parte deles vinculados à natureza, consoante expõe Bíziková (2009). Um exemplo ideal está relacionado aos rios, os quais tinham nomes com origem no português europeu e passaram a ter nomes com base no dialeto tupi.

Já o castelhano, abordado aqui como língua influenciadora do português europeu, devido à questão geográfica, ou seja, pelo fato de a Espanha dividir fronteira com Portugal, acabou por contribuir para o distanciamento dos “portugueses”, uma vez que o idioma da antiga região de Castela e o lusitano estão até hoje em pleno contato e, diferentemente do que ocorreu no Brasil, não houve uma dizimação quase que total dos falantes nem de um nem de outro idiomas. A influência do espanhol pode ser observada nas palavras, como apresenta Rodríguez (1996), presentes na face lusitana do português, das quais algumas mantiveram a grafia original e outras sofreram transformações de acordo com a língua para qual migraram.

Outrossim, a influência de estrangeirismos nos “portugueses” é bastante forte, inclusive igualando-o ao empréstimo linguístico. Alguns desses estrangeirismos foram modificados pelos falantes, o que se denomina de aportuguesamento, fazendo com que esses signos se adaptem aos diálogos; outros, por sua vez, não. A fonte dos estrangeirismos, de um modo geral, é diferente tanto no português europeu quanto no brasileiro.

À vista disso, é preciso ressaltar, por fim, que não apenas a questão geográfica e a da influência linguística são suficientes para determinar o distanciamento entre dois idiomas aparentados e pertencentes ao mesmo troco linguístico: o latim. Obviamente, o português europeu e o português brasileiro não se diferenciaram puramente pelos aspectos abordados neste trabalho, mas por diversos outros que demandariam um espaço demasiado extenso para o seu desenvolvimento. O fato é que ambos os idiomas sob análise tendem a se distanciar cada vez mais na medida em que intensificam os contatos linguísticos com outras línguas ou dialetos.

## REFERÊNCIAS

BASSETO, B. F. **Elementos de Filologia Românica**: História Interna das Línguas Românicas. v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BÍZIKOVÁ, L. **Importância das línguas tupis para o português brasileiro** [online]. Brno, 2009 [cit. 2016-07-29]. Bachelor's thesis. Masaryk University, Faculty of Arts. Thesis supervisor Iva Svobodová. Disponível em: <[http://is.muni.cz/th/180915/ff\\_b/](http://is.muni.cz/th/180915/ff_b/)>. Acesso: 14 de jul. de 2016.

O DISTANCIAMENTO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O “PORTUGUÊS PORTUGUÊS”:  
A ÓTICA DAS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS NO NÍVEL DO LÉXICO

BRASIL. Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm). Acesso em: 21 de set. de 2016.

CARVALHO, J. R. A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada. **Revista Forum Identidades**, ano 2, vol. 4, p. 86-90, Sergipe, jul./dez. 2008. Disponível em: [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_4/SESSAO\\_L\\_FORUM\\_Pg\\_83\\_90.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_83_90.pdf). Acesso em: 26 de jun. de 2016.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. **Gramática Histórica**: para 2º grau e vestibulares. 13ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

CINTRA, L. F. L. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego Portugueses. *In*: **Boletim de Filologia**, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, n. 22, 1971, pp. 81-116. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/novaproposta.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2016.

COUTINHO, I. de L. **Pontos de Gramática Histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

DEBOWIAK, P. Nota sobre os dialetos de Portugal. **Romanica Cracoviensia**, Universidade Jagellônica da Cracóvia, 2008/8, p. 21-28. Disponível em: <http://www.wuj.pl/UserFiles/File/Romanica%20Cracoviensia%202008/3-RC-8-Debowskiak.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2016.

FERREIRA NETTO, W. Aspectos da influência do adstrato tupi no léxico do Português do Brasil. **LinhaD'Água**, n. 8, p. 23-30, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37136/39857>. Acesso em: 29 de jul. de 2016.

GARCIA, A. da S. O português do Brasil questões de substrato, superstrato e adstrato. **Soletras**, Ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2002.

JANSSEN M.; BARBOSA; S.. Dicionário de estrangeirismos - métodos de adaptação em português europeu. **XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, p. 463-474, 2008. Disponível em: [http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-selecionados/34-Janssen\\_Barbosa.pdf](http://www.apl.org.pt/docs/23-textos-selecionados/34-Janssen_Barbosa.pdf). Acesso em: 20 de set. de 2016.

HRÍBALOVÁ, L. **Diferenças entre o português europeu e o português brasileiro**. Bakalářská diplomová práce. Vedoucí práce: Mgr. Iva Svobodová, Ph.D. 2009

LEITE DE VASCONCELLOS, J. **Lições de filologia portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da oralidade descuidados mas relevantes para o ensino de português como segunda língua. *In*: GÄRTNER, E.; HERHUTH, M. J. P.; SOMMER, N. N. (eds.). **Contribuições para a Didática do Português Língua Estrangeira**. Germersheim: Frankfurt TM, 2003. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=BPJxLPTQqi8C&pg=PA21&lpg=PA21&dq=o+que+faz+do+portugu%C3%AAs+europeu+uma+lingua+estrangeira&source=bl&ots=ZvJRLSWGnt&sig=Dv7pxzpZgg9mJJInp25d1anRSng&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjM19G\\_5rrNAhVliZAKHYWZA7kQ6AEIQTAD#v=onepage&q=o%20que%20faz%20do%20portugu%C3%AAs%20europeu%20uma%20lingua%20es-trangeira&f=false](https://books.google.com.br/books?id=BPJxLPTQqi8C&pg=PA21&lpg=PA21&dq=o+que+faz+do+portugu%C3%AAs+europeu+uma+lingua+estrangeira&source=bl&ots=ZvJRLSWGnt&sig=Dv7pxzpZgg9mJJInp25d1anRSng&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjM19G_5rrNAhVliZAKHYWZA7kQ6AEIQTAD#v=onepage&q=o%20que%20faz%20do%20portugu%C3%AAs%20europeu%20uma%20lingua%20es-trangeira&f=false). Acesso em: 28 de jun. de 2016.

MARTINS, L. G. A Influência da língua tupi no ensino da língua portuguesa (resgatando a história brasileira por meio da linguagem dos índios). **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar**. Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina-PI, 2014

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica**. 7ª ed. Lisboa: Livraria Clássica editora, 1969.

OTHERO, G. de A. **Introdução à História da Língua Portuguesa**. Pará de Minas (MG): Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003. Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwidjd-CupfOAhVDD5AKHb2EBzAQFgglMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.uern.br%2Fprofessor%2Farquivo\\_baixar.asp%3Farq\\_id%3D4824&u sg=AFQjCNERRdc51B1LHtOo6ZMZeSRyJqt7pw&bvm=bv.128617741,d.Y2l&cad=rja](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwidjd-CupfOAhVDD5AKHb2EBzAQFgglMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.uern.br%2Fprofessor%2Farquivo_baixar.asp%3Farq_id%3D4824&u sg=AFQjCNERRdc51B1LHtOo6ZMZeSRyJqt7pw&bvm=bv.128617741,d.Y2l&cad=rja). Acesso em: 28 de jul. de 2016.

RODRÍGUEZ, A. M.. Contribuição do Português ao Léxico Espanhol. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 12-44, 1996. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(4\)12-44.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(4)12-44.html). Acesso em: 30 de jun. de 2016.

SANTANA, M. dos S. Estrangeirismos na língua portuguesa: uma visão histórica. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, **Cadernos do CNLF**, vol. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2011. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/142.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/142.pdf). Acesso em: 21 de set. de 2016.

TAVARES, M. Contribuições para a Discussão das Concepções de Língua e Dialeto: o caso do Guarani e do Kaiowá de Mato Grosso do Sul. **Web-revista Sociodialeto**. Campo Grande, vol. 6, nº 17. nov., 2015. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/22/03062016071538.pdf>. Acesso em: 15 de jul. de 2016.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. 4ª ed. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.